



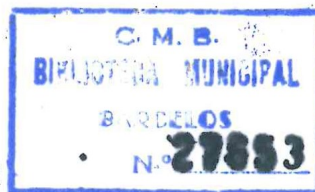
69.12)(046)

JOSÉ ALMEIDA ALVES

M O N O G R A F I A de

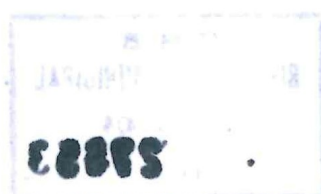
A N T A S (FAMALICÃO)

(Recolha de artigos publicados no jornal
"NOTÍCIAS DE FAMALICÃO, recolha de Francisco
de Almeida)



*Borcalione
Perm.*

Lisboa - 1 9 9 6



✓ Billings &
Caucasian Barrels -
of a comparison
list. March 1957
Kauai - 1957

DA "MONOGRAFIA DE ANTAS"

ALGUMAS NOTAS, PRECIASAS

1. Vai fazer 10 anos que o meu querido e nunca devidamente recordado, irmão, o Prof. José Almeida Alves, começou a publicar o trabalho que designou de "Monografia de Antas". Com tal publicação lucraram vários: 1-o Autor, porque ela lhe perpetuará a memória; 2-o jornal-Notícias de Famalicão-por ter sido a base de tal publicação; 3-a freguesia, Antas, ali ao lado da cidade "vila" de Famalicão-que vê seu nome divulgado entre os de terras bem avançadas, como por ex., Esmeriz; 4 -a família em que, por casamento, ele deu entrada, ido como foi, da nossa Galegos (terra dos galos) em Barcelos, família ora representada pela ilustre Prof.^a D. Carolina Cardoso e filhos do ^{casal} José Augusto, Teresa Maria e Isabel Maria.

Não obtive que a obra fosse arrumada em livro. Haverá tempo. Assim, arrumei os recortes de jornal de que dispunha sobre folhas de papel A.4 e os artigos do jornal "viraram, em livro com 18 grandes folhas.

2. Do Autor:

Lopes Correia disse em Janeiro de 94 em jornal de Famalicão: "Radicado na freguesia de Antas...consagrando muito tempo ao conhecimento da sua terra adoptiva...". Isto é de todo exacto.

Em carta de 16.7.94, disse dele o antigo pároco, P. Dr. Abel Gomes da Costa, que como poucos o conheceu:

"Trabalhador, humilde, inteligente, simples... Não posso esquecer... em poucos meses, ...quarta classe, o segundo e o quinto anos antigos... caso muito raro... contei esta façanha... todos se admiravam."

O trabalho que acima referi comprova quanto fica transcrito, de Correia e de Abel. Ora bem: Barcelos quer reunir na sua e nova Biblioteca Municipal tudo quanto saiu da pena de barcelenses. O Prof. era-o. Logo, com a Colectânea supra, dou uma ajuda à feitura da BARCELIANA, como me compete. Se a obra não deu livro, não é defeito dos de Famalicão cuja Câmara tem como poucas, dado a mão ao que lá se tem publicado. Por brevidade não dou aqui o Índice das matérias abordadas: Horário Agrícola, e Salários...; Relações, etc. Retrata uma comunidade.

3. Sirva a presente colectânea e o que explanei, de Homenagem ao barcelense ilustre que muito honrou a sua Terra, e nossa Terra, e de exemplo estimulante aos que pretendam estudar, no campo ou noutros lados, os ditos e os feitos de nossos avós ou os do nosso tempo, nas nossas terras.

Para terminar: como nunca poderemos extrair no papel quanto temos para dizer, fiquemos por aqui, com esta nota: transcrevi da catra sem autorização. Sei que o Autor me a daria.

POST SCRIPTUM:

Lisboa, Outubro de 1996

Em carta que me endereçou, Francisco de Almeida datada de 10.1.88, o Autor escreveu: "A monografia acabou. Agora espero que seja publicado um índice que elaboraste em tempos. Assim me prometeram. Depois se verá o resto".

F^{de} Almeida

Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves
(Continuação)

HORÁRIO AGRÍCOLA E SALÁRIOS

Na freguesia de Antas o pessoal do sector agrícola familiar quase não tem horário de trabalho, pois se esforça de sol a sol e até ao serão ou de madrugada, quando «o serviço aperta»; o pessoal agrícola remunerado trabalha de oito a nove horas por dia, com salários variáveis de quatrocentos escudos diários, para os homens, e de duzentos a trezentos escudos diários, para mulheres. Uns e outros só ganham nos dias em que trabalham.

Tanto para os homens como para as mulheres, há merenda de manhã e de tarde, por conta do empregador, para os jornaleiros. *11-7-22. 3.85*

Alguns jornaleiros são operários de fábricas e apenas trabalham nos campos uma parte do dia: manhã ou tarde, completando ainda quatro horas de serviço, além do emprego principal.

Também há quem pague metade daqueles ordenados, mas com alimentação completa, incluída no ordenado quotidiano. No primeiro caso diz-se «a seco»; no segundo, diz-se «a de comer».

Nas épocas de «aperto», os salários sobem pela escassez de pessoal e urgência dos serviços, tornando-se a oferta de pessoal menor que a procura dele.

Nalguns casos já se encontram empregados permanentes, com ordenados de oito a doze mil escudos mensais, conforme a categoria da empresa e do empregado, atendendo à finalidade do mesmo. Também aparece uma ou outra servicial, com a designação de criada, mas tende a desaparecer.

O pagamento faz-se, vulgarmente, em dinheiro. Paga-se ao dia, semana, quinzena ou mês. Porém, alguns assalariados recebem géneros agrícolas em desconto dos ordenados a receber na devida oportunidade.

Em Antas existe também o operário agricultor, isto é, trabalha na fábrica ou na oficina e cultiva os campos no tempo livre, conforme pode, às vezes com auxílio da mi-

lher e dos filhos.

A lavoura desta freguesia ocupa cerca de 200 pessoas. Cerca de 120 são de mão-de-obra familiar, incluindo algumas crianças no tempo livre da escola; e cerca de 80 são pessoas remuneradas, contando jornaleiros que não costumam ser diários e apenas trabalham, normalmente, de manhã ou de tarde.

O pessoal mais certo são cerca de 170 pessoas, sendo aproximadamente, 18 jovens, 12 donzelas, 64 homens e 76 mulheres.

CULTURAS AGRÍCOLAS

As culturas principais na freguesia de Antas são o milho e o vinho verde. A produção média anual deve oscilar por cento e cinquenta carros de milho (cada carro vale 40 rasas) e cerca de quinhentas pipas de vinho verde (cada pipa vale 500 litros), sendo 150 pipas de vinho branco e 350 de vinho tinto.

Além das culturas básicas ou principais, também se cultivam outras, tais como: aveia, batatas, cebelas, centeio, erva de diversas qualidades para os animais, fava, feijão, frutos variados, hortaliças, legumes, melancias, melões, morangos, nabos e trigo.

Destes e outros artigos, quase todos se destinam aos gastos da economia doméstica, apenas se vendendo os sobrantes.

Salienta-se a fruta que já é produzida em bastante quantidade, especialmente a maçã, que se encaminha para a cooperativa Frutivinhos, com armazém na freguesia de Calendário, concelho de Vila Nova de Famalicão, e para a feira semanal do mesmo concelho, realizada às quintas-feiras.

A cultura do milho ainda se faz muito de forma tradicional, com arado puxado por gado bovino, mas também já aparecem alguns tractores, talvez oito, e outras máquinas agrícolas, especialmente nos agricultores mais evoluídos ou com maiores possibilidades económicas.

(Continua)

2 Monografia de Antas

(Continuação)

Por Prof. José Almeida Alves

RELAÇÕES E CONFLITOS POLÍTICOS

Na freguesia de Antas defrontaram-se todas as correntes políticas comuns em todo o País. Todavia, nota-se uma maior implantação dos partidos maioritários a nível nacional e com assento na Assembleia da República.

Em 2-12-1979, para as eleições intercalares da Assembleia da República, havia 2.508 eleitores inscritos e os votos válidos apurados foram 2.322. Destes, a coligação da Aliança Democrática obteve 1.380; o Partido Socialista recebeu 667, ficando 200 votos para a coligação da Aliança Povo Unido. Isto dá 2.247 votos, pelo que os restantes agrupamentos políticos só receberam 75 votos e pouco significado tiveram no conjunto.

Houve novas eleições para a Assembleia da República, no dia 5 de Outubro de 1980. *N. tam. 11x1185* Os eleitores inscritos eram 2.569 e só votaram 2.410.

Houve 7 votos brancos e 21 nulos, ficando os votos em 2.382. Destes, foram atribuídos 1.480 votos para a Aliança Democrática, 649 para a Frente Republicana Socialista, ficando 143 votos para a Aliança Povo Unido. Isto soma 2.272 votos, pelo que apenas restaram uns 110 votos para os outros agrupamentos políticos e pouco significado tiveram no conjunto da freguesia de Antas.

Já em 7 de Dezembro de 1980 realizaram-se as eleições presidenciais, nas quais saiu eleito o Sr. General Ramalho Eanes.

Embora se note uma certa animosidade entre alguns militantes e simpatizantes dos três partidos ou agrupamentos políticos, com maior representação local, o certo é que nas eleições se respeitaram uns aos outros e elas decorreram com muita ordem e civismo.

Por vezes, a política divide os eleitores de Antas, pelas opiniões expressas ou por falta de respeito mútuo nas ideologias de cada pessoa. Isso acontece mesmo nos vizinhos e até nos familiares da mesma casa, chegando ao insulto, ao confronto de ideias, aos aborrecimentos, espe-

cialmente no período da campanha eleitoral. Cada adepto de certa formação política julga que está no melhor caminho, não dialogando serenamente, para aceitar e contrariar os efeitos ou virtudes de cada parte. Isso gera risos amargos, que depois se vão diluindo a pouco e pouco. Talvez isto se relacione com a falta de aprendizagem política que o povo não tinha, no regime ditatorial anterior, mas que agora vai aprendendo.

Nas últimas eleições presidenciais, realizadas no dia 7 de Dezembro de 1980, os eleitores de Antas comportaram-se assim: havia 2.569 eleitores inscritos e apuraram-se 2.364 votos válidos.

Segundo a ordem existente nos boletins de voto, obtiveram-se os seguintes resultados:

Soares Carneiro, 1.133 v.; Pires Veloso, 36; Otelo Saraiva de Carvalho, 10; Ramalho Eanes, 1.147; Galvão de Melo, 30; Carlos Brito, 7; Aires Rodrigues, 1. Soma 2.364 votos.

RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E DE VIZINHANÇA

As pessoas de Antas vivem disseminadas pela freguesia, conforme a disposição das casas. Uma vez, afastadas; outras, próximas ou contíguas, especialmente nas zonas mais urbanizadas onde população mais densa. Servem de exemplo os prédios de vários apartamentos; as ruas e os lugares mais populosos, geralmente próximo às vias de comunicação ou sede viária.

Em cada casa, as pessoas divergem, consoante o conjunto vivencial: avós, pais, filhos; netos, sobrinhos, tios; genros, noras, sogros; cunhadas, irmãos, primos e serviçais.

Por vezes, geram-se atritos entre os conviventes da mesma casa ou de casas próximas, por coisas banais e mesquinhas, mas que perduram pela vida fora, azedando as relações humanas e familiares ou até de vizinhança. As causas podem ser diversas, como adiante se verá.

É o marido que não se entende com a esposa ou com os filhos e vice-versa; podem ser os avós com os netos ou estes com aqueles; por vezes, são os irmãos e cunhados, sobrinhos e tios, que se arrelham uns com os outros, por causas diversas: consideração social, heranças, falta de respeito mútuo, política, religião e outros. Menos se zangam os primos e serviçais.

Também é vulgar o aborrecimento de noras e sogras ou de genros e sogros, não esquecendo os vizinhos.

(Continua)

Prof. Almeida Alves

Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

(Continuação)

IGREJA

3

A igreja de Antas é muito antiga e a data da sua fundação «perde-se na noite dos tempos».

Encontra-se organizada com um pároco a presidir aos trabalhos religiosos da paróquia, sob a orientação conceitual do arcebispo e direcção diocesana do arcebispo brasileiro.

O pároco de Antas tem a igreja paroquial para o serviço religioso, sendo também subsidiado pela capela de Santo António, na rua Alves Roçadas, que é pública.

Recebe ainda algum apoio da capela do Seminário Missionário dos Combonianos, no lugar da Igreja, mas só como alternativa à igreja paroquial.

Na paróquia existe um conjunto de homens, formando a Comissão Fabriqueira, escolhidos pelo pároco, que preside. Esta tem por fim aconselhá-lo no bom governo da paróquia, especialmente na resolução de problemas ligados à Igreja e sua administração.

Em apoio directo aos serviços da igreja paroquial de Antas, há um salão paroquial. Nele se ensina catequese e reúnem os serviços de culto, como os membros de confrarias ou os pais das crianças, quando é necessário resolver problemas com eles relacionados.

O pároco não tem vencimento e vive numa casa ou residência pertencente à paróquia. Assim, cada paroquiano é convidado a oferecer, por ano, o valor de um dia de trabalho ou rendimento equivalente, para custear as despesas do pároco no dia a dia, em alimentação, vestuário e outras despesas. É a contribuição dos paroquianos e designada por cóngrua ou premissa.

Alguns paroquianos entregam géneros agrícolas: milho e vinho. Com a decadência da lavoura e a transformação social da população, passando da vida agrícola para o sector comercial, industrial e de serviços, quase todos optam por entregar dinheiro, na medida das suas possibi-

lidades e de acordo com as tabelas estipuladas.

JUNTA DE FREGUESIA

A freguesia de Antas, como todas as outras, possui uma Junta de Freguesia, saída da Assembleia de Freguesia, eleita por sufrágio universal, directo e secreto, no ano de 1979.

A Junta de Freguesia é formada por três membros, com designações de presidente, secretário e tesoureiro.

Este órgão é de grande significado na freguesia, visto ser ele o executor de todas as directrizes provenientes da Assembleia de Freguesia, além do serviço normal de expediente: atestados de residência, informações ou declarações, passagem de certidões diversos, recenseamento eleitoral e da população, etc.

Os membros da Junta de Freguesia reúnem periodicamente na sede, no lugar da Igreja, para resolução dos problemas ocorrentes.

Presentemente, o serviço na secretaria da Junta de Freguesia funciona às segundas, quartas e sábados, sendo das 19 às 20 horas, nos dois primeiros dias e das 10 às 12 horas, nos dias de sábado.

Além destes horários, ainda há muitos trabalhos executados noutros dias e horários diferentes, para maior rapidez na resolução dos assuntos locais.

A Junta de Freguesia não tem sede própria, servindo-se, a título provisório, duma salinha no salão paroquial, pertencente à Comissão Fabriqueira de Antas, isto é, pertence à paróquia, sendo administrado por aquela comissão.

A actual Junta de Freguesia já foi eleita em 1976 e reeleita em 1979.

Com o apoio da Câmara Municipal e da população local, especialmente da zona considerada mais rural ou do interior, a Junta de Freguesia tem feito obras diversas, tais como: alargamento de caminhos, ampliação do cemitério, arranjo das escolas, lavadouros, igreja paroquial, luz eléctrica, etc.

Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

Antas - 21/2/86 (4)
CENTRO DE ENFERMAGEM

Relacionando com o aspecto da saúde, existe um centro de enfermagem particular na freguesia de Antas, situado na rua Luís Barroso, em edifício alugado e com algumas divisões.

O fundador — Manuel Alves de Sá — mais conhecido por «Alves Enfermeiro», esteve no Brasil e de lá regressou com certos conhecimentos terapêuticos sobre varizes e formas de as curar.

Conhecedor de certas técnicas farmacêuticas, montou um posto de enfermagem particular, pelo ano de 1945, para tratamento especial de varizes, obtendo grande fama e sucesso.

A pouco e pouco foi-se tornando conhecido e cada vez fazia mais tratamentos, tendo sempre a casa cheia de doentes interessados.

De certa maneira, o fundador enriqueceu com o muito trabalho efectuado, crescendo o posto em movimento e pessoal (doentes, enfermeiros e médico).

Por 1973, formou-se uma sociedade entre quatro enfermeiros, ficando o posto com a designação seguinte:

Albino Marques & Companhia, Limitada, Rua Luís Barroso, telefone 22226, Vila Nova de Famalicão.

Presentemente, exercem neste centro de enfermagem, a tempo pleno, cinco enfermeiros e um médico.

Embora não haja uma estatística organizada, os tratamentos costumam ser de 100 a 150 por dia, variando do Verão para o Inverno.

O centro de enfermagem funciona nos dias úteis, com 8 horas de trabalho, excepto aos sábados, em que apenas labora na parte da manhã.

Normalmente, na parte da manhã, o trabalho é mais intenso.

Embora os tratamentos específicos deste centro de enfermagem sejam varicoses nos membros inferiores, o âmbito dos curativos têm aumentado e também se tratam

entorses, ferimentos e pisaduras várias.

Predomina o tratamento manual, com ligaduras massagens e medicamentos apropriados. 4a

É usual gastos álcool, gase, mercúrio, pensos, pomadas diversas e tintura de iodo.

Vulgarmente aparecem pessoas pelas ruas de Vila Nova de Famalicão, tendo as pernas cobertas de ligaduras brancas, por causa das varizes. As de perto, tratam-se e regressam a casa, enquanto as de longe se hospedam e por ali ficam durante duas a três semanas ou mais em tratamento.

As pessoas doentes aparecem de muitas partes do País. Algumas curam-se depressa. Outras fazem tratamentos periódicos para se sentirem melhor.

21/2/86 ASSOCIAÇÕES CAP. 700

As associações na freguesia de Antas são diversas, conforme o campo de actuação: administrativo, agrícola, assistencial, desportivo, escolar, pecuária, político, sindical, recreativo e religioso.

Pensando no aspecto administrativo, existe a Assembleia de Freguesia e a Junta de Freguesia. Nenhum destes dois órgãos possui sede própria, servindo-se das salas da escola primária e do salão paroquial para efectuarem as reuniões normais.

A Junta de Freguesia utiliza mesmo uma salinha do salão paroquial, permanentemente, enquanto não se constrói a sede própria.

Ligado ao sector agrícola, temos a CAP ou Confederação de Agricultores Portugueses, a Cooperativa Agrícola Famalicense e a Adega Cooperativa ou Frutivinhos.

A CAP é uma associação de agricultores, proprietários, que defende os interesses da lavoura, cuja sede fica na Avenida General Humberto Delgado, funcionando no edifício da Cooperativa Agrícola Famalicense.

Esta associação de empresários agrícolas abrange todo o concelho de Vila Nova de Famalicão, tendo cerca de 700 sócios.

(Continua)

28-3-1986

Monografia de Antas⁵

Por Prof. José Almeida Alves

(Continuação)

Sente-se muito a necessidade de uma sede própria para os membros da ARCA se reunirem e realizarem as suas actividades com regularidade. Além disso, era necessário equipamento adequado e dinheiro para dinamizar esta associação.

A ARCA de Antas possui um grupo coral (infantil e juvenil) que já fez actuações engraçadas, especialmente em festas e convívios, nos lugares da Igreja, Portela e S. Cláudio, onde foram muito aplaudidos.

No ano de 1980, também o grupo coral actuou na freguesia de Requião, deste concelho.

A Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão costuma distribuir verbas às associações com estatutos legalizados. Em 1980, esta associação de Antas, designada por ARCA, recebeu trinta mil escudos, conforme deliberação camarária de 20 de Outubro de 1980.

O maestro orientador do grupo coral é o senhor António Alves da Silva, mais conhecido por (Toneco), do lugar da Portela. *v. fam. 28.3.86*

No teatro amador está empenhado o sócio, senhor Arnaldo Ribeiro, do lugar de Felhe, cujos ensaios prosseguem regularmente.

A ARCA já iniciou as obras para arranjar um recinto de jogos, no lugar de Boca (leia-se boca), em terreno cedido pela Junta de Freguesia, mas sobrevive com dádivas e quotas dos sócios, que são exíguas.

Para os ensaios do grupo coral e actuações, cada sócio empresta o que tem: bombos, concertina, ferrinhos, giradiscos, gravador, pandeiros e violas.

Se pensarmos no aspecto religioso, temos as confrarias de associados ou irmãos, como a de Nossa Senhora Senhora da Conceição e Almas, fundada em 1572, com cerca de 15 mil associados, da freguesia de Antas e arredores.

A direcção ou mesa é escolhida ano a ano, reunindo

de 3 em 3 meses.

Cada irmão paga uma quota anual para as despesas das festas e da irmandade nos funerais.

54

No âmbito da igreja de Antas, há a Comissão Fabriqueira, presidida pelo pároco, com alguns membros escolhidos por ele, destinada a aconselhar o governo da paróquia. Geralmente, esses membros são vitalícios e os cargos são honoríficos, não havendo quotas ou qualquer es- crituração a efectuar.

Outra associação ligada ao serviço de assistência é a Conferência Vicentina, patrocinada por S. Vicente de Paulo. É um conjunto de 12 pessoas (quase só senhoras), reunindo de 15 em 15 dias, que se debruçam sobre as carências económicas e morais muito difíceis da freguesia: doença, orfandade, pobreza, viuvez, etc.

Partindo de pontuais casos concretos e bem conhecidos no meio local, vão juntando pequenas dádivas, certas e ocasionais, para tentar socorrer problemas difíceis da paróquia, num espírito evangélico e onde a assistência governamental não chega ou não satisfaz plenamente.

Estas três associações estão ligadas ao aspecto religioso de Antas. Não têm sede própria e reúnem no salão paroquial, no lugar da Igreja.

28/3/86

A confraria de Nossa Senhora da Conceição e Almas ainda possui uma capelinha, junto ao adro da igreja paroquial. Destina-se a recolher as ofertas dos benfeitores por ocasião das festas anuais, em 8 de Dezembro, Dia da Imaculada Conceição, e como armazém ou arrecadação de bandeiras, opas e outras alfaías da confraria, durante o ano.

Ainda existe a confraria do Sagrado Coração de Jesus, mas não tem a projecção e fama da de Nossa Senhora da Conceição e Almas.

Pela Páscoa organiza-se o Compasso ou Visita Pascal, visitando as casas da paróquia, mas não tem comissão organizada de uns anos para os outros.

Jovens e adultos voluntários costumam organizar as festas do Menino Jesus ou de Natal, mesmo sem comissão organizada como noutras confrarias.

(Continua)

Prof. Almeida. Alves

PAGINA 5

Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

(Continuação)

TRANSMISSÃO DOS SABERES

MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E SUA IMPORTÂNCIA NA COMUNIDADE

JORNAIS LOCAIS

Os meios de comunicação social contribuem imenso na difusão dos conhecimentos diversos e na cultura popular.

N.º 78/4/86

Em Antas confecciona-se um jornal semanário, de carácter regionalista. É o «Jornal de Famalicão», sendo popularmente conhecido por «Jornal do Rebelo».

A tiragem média, semanal, deste periódico oscila por 4.500 exemplares, sendo distribuídos por cerca de 4.500 assinantes. espalhados por esta freguesia, concelho, País e estrangeiro.

Por estimativa, calcula-se que este jornal será lido por cerca de 15 mil pessoas ou mais.

Dos 4.500 jornais imprimidos, ficam na freguesia de Antas cerca de 250 exemplares, sendo uns 150 para assinantes de zona rural e 100 para a parte urbanizada ou já enquadrada na área considerada Vila.

Este jornal não é confeccional e foi criado por Francisco Rebelo Mesquita, em 1949, mantendo-se com o rendimento das assinaturas e da publicidade, não tendo subsídios oficiais, por ser uma empresa privada.

Falecido o fundador, ficou como directora e proprietária actual a filha, Sr.ª D. Maria Teresa Vilhena de Mesquita, licenciada em Ciências Económicas e Financeiras, embora o irmão Luís Vilhena Mesquita, seja o admi-

nistrador particular.

Administração, oficinas e redacção localizam-se no Alto da Maia, junto à estrada de Famalicão-Guimarães, com os telefones números 22785 e 23330, em instalações arrendadas, mas com equipamento razoável.

O jornal é elaborado por 4 homens novos e os colaboradores mais assíduos são os correspondentes das aldeias.

Geralmente, publicava-se ao sábado. Porém, com o encerramento dos correios nesse dia, passou a sair às sextas-feiras.

Este semanário parece ser o mais lido na freguesia de Antas e no concelho de Vila Nova de Famalicão.

Antas possui outro jornal mensal, inter-paroquial, confeccional e designado por — Comunidade. Abrange as paróquias de Antas. Calendário e Vila Nova de Famalicão, com uma tiragem média de 1.800 exemplares, recebendo cada uma, pela mesma ordem, 200, 900 e 700 jornais.

As freguesias de Brufe e Gavião desistiram deste jornal.

Este boletim ou jornal pertence às comissões fabriqueiras das três freguesias e foi criado por orientação dos cinco párocos circunvizinhos à Vila. É mantido com as receitas das vendas efectuadas pelas comissões fabriqueiras, a 5\$00 cada um, cuja receita mal chega para suportar as despesas efectuadas.

A composição e impressão são feitas no Centro Gráfico de Famalicão, sendo colaboradores principais os três párocos e alguns paroquianos das três freguesias abrangidas.

(Continua)

Antas - Famalicão

64

Prof. Almeida Dias

25-4-1986

Monografia de Antas⁷

Por Prof. José Almeida Alves

(Continuação)

JORNAIS E REVISTAS

Na freguesia de Antas há dois quiosques para venda de jornais e receitas diversas. Um, mais antigo, na Praça Mouzinho de Albuquerque; outro, mais recente, na Central de Camionagem, lugar da Ponte.

O primeiro quiosque já esteve noutro sítio, mais a poente da posição actual. Chamava-se o «Quiosque da Feira». Está bem localizado. O segundo iniciou funções com a nova Central de Camionagem, desde 1978, e vende menos.

Os dois quiosques vendem jornais e revistas para Antas e arredores, não tendo fregueses certos, pelo que não há controle de leitores.

Diariamente, são mais vendidos os seguintes jornais diários: «O Comércio do Porto» e o «Jornal de Notícias», com cerca de 320 exemplares cada um. Bastante depois, aparece «O Primeiro de Janeiro», com cerca de 70 exemplares. Ainda com menos expressão surgem outros jornais diários, cujas vendas não chegarão à dezena.

Outros jornais de venda acentuada e não diários são os desportivos. Temos «A Bola», com cerca de 300 exemplares vendidos, por tiragem, e «O Norte Desportivo», com cerca de metade do anterior. Ainda com menos expressão temos «O Mundo Desportivo» e o «Record».

Os jornais semanários mais vendidos são: «O Diabo», «O Jornal» e «Tempo», com vendas aproximadas de trinta exemplares, por tiragem. Aparecem outros de menos expressão, como: «Barricada», «A Rua», «O País» e o Jornal

de Famalicão».

Pensando em revistas, existem bastantes. Mas a «Crónica» parece ser, de longe, a mais vendida, com cerca de 180 exemplares, em cada tiragem. Seguem-se outros, mas com menos interesse e procura do público. Estão neste caso as revistas: «Maria» e «T. V. Guia».

Ainda aparecem muitos outros livritos para venda, considerada como «literatura de cordel» e «livros de quadradinhos», quase sempre pouco formativos e até prejudiciais à imaginação das crianças e da juventude não passando de uma autêntica exploração comercial e delinquente.

Não se conhece nenhuma revista elaborada na freguesia de Antas.

(Continua)

Aut. - Famalicão

7

8 Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

(Continuação)

RADIO

Nesta freguesia há bastantes rádios, embora de marcas, tamanhos e tipos diversos.

Ainda aparece uma casa ou outra, de gente analfabeta e mais pobrezinha, onde não existe rádio. Todavia, a existência dele está generalizada.

Sintoniza-se muito a Emissora Nacional e a Rádio Renascença, consoante os gostos e simpatias de cada ouvinte. As pessoas apreciam ouvir contos, futebol, música alegre, [notícias, romances amorosos, etc].

RADIO-AMADORES

Esta modalidade ainda é pouco conhecida na freguesia de Antas. Apenas se conhece um aparelho rádio-amador, localizado na Avenida General Humberto Delgado e pertence ao Senhor Clóvis Remígio de Sousa.

Normalmente, comunica com postos amigos de rádio-amadorismo, no País e no estrangeiro. Neste último caso, já tem falado para os países seguintes: Alemanha, Andorra e Bélgica.

Em Antas também aparece a frequência dos bombeiros de Baixo, localizados na Praça Mouzinho de Albuquerque.

215 TELEVISÃO Antas 21/5/86
Há bastantes televisores nesta freguesia de Antas, embora não existam em muitas casas. Por estimativa, haverá 400 televisores nesta freguesia, correspondendo a cerca de 50% das habitações existentes.

Timidamente, já começam a surgir os televisores de imagem colorida, nalgumas casas, tais como: comerciantes, empresários, funcionários qualificados, industriais e professores, cujas idades variam bastante.

Isto revela que os televisores coloridos são muito caros e as populações, em geral, não têm possibilidades económicas para eles.

As pessoas apreciam filmes sobre a Natureza: caça, costumes e vida dos animais, fauna e flora marítimas, pesca e plantas. Também gostam de danças, desenhos animados, desportos, corridas de bicicletas, carros,

cavalos, notas e pedestres; filmes amorosos, brasileiros, policiais e telenovelas; concursos da canção, jogos sem fronteiras, noticiários, etc.

8-4
Nesta data, o filme dos «Marretas» é muito apreciado, bem como a telenovela brasileira «Dona Xepa».

Durante o dia, os programas nos cafés são mais procurados pelos homens e menos pelas mulheres; mais pelos anciãos (reformados) e menos pela juventude, excepto as crianças em idade escolar (dos 6 aos 14 anos inclusive).

A juventude gosta de aventuras, viagens interplanetárias, onde a ficção trabalha.

As pessoas de Antas falam bastante nos programas televisivos da ocasião, presentemente a «Dona Xepa». E comentam aqueles passos todos, fazendo suposições analíticas a cada personagem, imaginando o desenrolar da acção. Já assim aconteceu com o «Astro» e o «Dancing Day», entre outros os espíritos da população, distraíndo-a e anestesiano-a também para outras atitudes.

É tão forte o fascínio das pessoas por alguns programas televisivos, que tudo param nas horas e momentos de transmissão, esquecendo canseiras e deveres, aflições e trabalhos. É questão de gosto ou sedução.

A televisão prejudica o convívio familiar, colaborando no desaparecimento de cânticos e danças ao ar livre. Tudo se mecaniza, adormecendo a arte inventiva do povo. Vão morrendo a dança, o canto popular, a história, a música e o teatro.

215/86
Resumindo, chega-se a esta conclusão:

Avança a técnica, recua a invenção popular; desaparece a dança na aldeia, o rancho folclórico, a roda. A fatura de músicos preparados e ouvintes em cassetes, discos, rádio e televisão, adormecem o espírito criador das pessoas, não as motivando para o esforço inventivo e trabalhador. E é pena...

CINEMA

Embora na zona urbana da Vila, mas ainda na área administrativa de Antas, na Avenida General Humberto Delgado, localiza-se o edifício do Cine-Teatro Augusto Correia.

O cinema tem edifício próprio, espaçoso e foi inaugurado no dia 26 de Maio de 1962, em substituição do cinema Olímpia. Aquela data consta numa placa comemorativa, cravada na parede, ao subir as escadas do lado poente da entrada principal.

(Continua)

Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

ARTISTAS

Não se conhecem artistas famosos na freguesia de Antas.

Noutros tempos, o povo da aldeia fazia umas cordas de papel e alguns enfeites, destinados às festas e solenidades religiosas, especialmente as de S. Tiago, Nossa Senhora da Conceição e Natal. Esse costume está em decadência, com o emprego do pessoal em várias ocupações e recorre-se mais facilmente aos arranjos alugados no armador, com andores, arcarias em madeira, iluminações eléctricas, etc.

Por vezes, ainda se fazem uns cruzeiros de madeira, revestidos de papel ou uns tapetes de folhas, flores e serim pelo chão, de carácter tipicamente popular. Não há moldes fixos e os feitos são diversificados, conforme a imaginação das pessoas intervenientes. Colaboram nesses enfeites os mordomos ou responsáveis por cada festa, pondo aí o seu brío e habilidade criativas.

Net-Ann. 30/5/86 ARTESÃOS

O artesão mais conhecido na freguesia de Antas mora no lugar da Granja e é conhecido por «José do Rio», o funileiro. Chama-se José Domingos Martins, de 65 anos e trabalha em sociedade com o filho Arnaldo, em moldes de latoaria.

Fabricam diversos objectos. Por exemplo: almatolias, bacias, baús; leugias ou luzes de chapa, com depósito de vidro e torcida de algodão, metida em petróleo; candeeiros, canecas, cântaros, copos, foles, funis; jarros, lamparinas, lampiões e regadores.

Os artigos artesanais são elaborados com recurso a

algumas máquinas, como: alicate, cunho, soldador, tesoura e torno.

Em tempos anteriores, este artesão fabricava para vender na feira e aos vizinhos. Agora, já tem comprador certo, que lhe adquire os artigos por encomenda e em série, seguindo quase tudo para o estrangeiro.

O artesão tem um contrato permanente com a casa MAJOLICA, Rua Tenente Valadim, número 21, 4.º Direito, A 4100, Porto. Esta firma exporta os artigos para alguns países estrangeiros: Alemanha Federal, Dinamarca, Holanda e Itália.

Os materiais utilizados são: água de solda, chapa zincada, estanho, latão, solda e vidro.

Vivem deste emprego os artesãos e familiares: dois homens, duas mulheres e três crianças.

Por mês costumam vender cerca de cem contos de fabrico artesanal. Pagam as despesas dos materiais, ficando com o restante para viver e compensar os esforços do trabalho realizado.

A aprendizagem é feita no dia-a-dia, com a experiência do trabalho repetido, monocrónico, em série.

O primeiro artesão já aprendeu o ofício com o sogro, no lugar da Ponte, António José Gonçalves, mais conhecido por José do Rio, que tinha oficina de funileiro e pi-cheleiro.

É simpático, falador, possui a 4.ª classe do ensino primário, embora se sinta cansado. No entanto, já tem o filho Arnaldo, mais novo, para lhe continuar as lições, assim como os netos.

A empresa, embora pequena, está em vias de crescimento e até a ter aspectos tendentes à industrialização, visto que as vendas estão asseguradas com relativa antecedência.

Prof. Almeida Alves

PAGINA 4

Monografia de Antas¹⁰

Por Prof. José Almeida Alves

AGENTES E CONTEÚDOS

Notem 13/6/86

De forma geral, as pessoas aprendem muito umas com as outras, no convívio quotidiano, a ver e a executar.

Na freguesia de Antas, os pais transmitem aos filhos uma experiência rica de conhecimentos adquiridos ao longo da vida e eles repetem as lições, alterando aqui ou ali, mas permanecendo muito de costumes, hábitos, lendas e tradições. É assim na agricultura, no artesanato, no comércio; na construção civil, na culinária, na indústria; no comportamento moral e psíquico, nos cuidados do corpo, na política; na religião, na transmissão da vida e no tratamento de animais.

Em cada lar, os pais vão transmitindo aos filhos os ensinamentos adquiridos, aperfeiçoando-os, se possível. Também o indivíduo é fruto do ambiente que o cerca: amigos; companheiros da adolescência, da brincadeira, da catequese; da infância, da juventude e do trabalho. A pouco e pouco, vai-se formando a personalidade humana, tendo marcas profundas do meio onde cresce e vive, acompanhando-a pela vida fora.

Presentemente, outros factores condicionam muito a personalidade humana: o cinema, a escola, a família, a igreja, os jornais e revistas, a política, a rádio, a televisão e os transportes.

Modernamente, alargou-se muito o círculo de influências tradicionais, pondo o indivíduo em contacto perma-

Antas - Fama

10A

nente com novas realidades, rascando-lhe novos horizontes, despertando-o para a vida em redor. Deste modo, enquanto a juventude, adquire um conhecimento maior das coisas do Mundo, a influência dos anciãos vai fene- cendo, gradualmente, e já não é tao bem aceite pela gente nova, que os considera desactualizados e sem inte- resse.

Gera-se uma certa rebelião, proveniente do orgulho e vaidade, no último das pessoas mais novas, com afirmação da personalidade a crescer, afastando, por vezes, altiva e orgulhosamente, os conselhos de pessoas mais experientes para um plano secundário e até de menosprezo, entriste- cendo-as.

Por outro lado, às vezes, também a juventude não é considerada e respeitada pelas pessoas mais idosas, negan- do-se-lhes a afirmação da personalidade nascente e a flo- rir. É o choque de gerações.

Quase todas as pessoas têm um herói ou uma heroína na sua vida, a quem muito devem e com quem muito aprenderam. Pode ser o pai, a mãe, um avô ou uma avó; um irmão ou uma irmã, um amigo benfeitor, um tio, etc. Durante a vida, a gratidão revela-se mais forte para com essa pessoa e não se esquece fácilmente nas pessoas de leva e mediana formação moral ou cristã.

Em Antas, a influência dos emigrantes não é muito forte, pois são poucos. Todavia, nota-se a influência gené- rica e vaidade ou presuntura de falar estrangeiro, para dar nas vistas, julgando-se superiores por esse facto, em- bora adulterando muito a pronúncia estranha e prejudi- cando a Língua Portuguesa. São os nostros «estrangeiros» espaventos ridículos.

10

Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

(Continuação)

REUNIÕES

18.11.86

Em Antas fazem-se algumas reuniões. São de carácter administrativo, assistencial, associativo, cultural, desportivo, escolar, político, religioso e sindical.

No primeiro caso temos a Assembleia de Freguesia e a Junta de Freguesia, que reúnem periodicamente, consoante os regulamentos prevêem e sempre que algum assunto importante houver para debater.

Os Bombeiros Voluntários de Famalicão fazem reuniões de assembleia geral, bem como de comando e direcção, quando é necessário, em salão existente no próprio quartel.

Nesta freguesia não há serviços de assistência estabelecidos nem Casa do Povo. Apenas do Centro de Saúde concelhio, por vezes, se deslocam umas brigadas de enfermeiros e médicos às escolas, procurando colaborar em assuntos de higiene, busca e detecção de deficiências orgânicas, nutrição, vacina e outras com a saúde relacionadas.

Como associações temos a ARCA, as confrarias, as cooperativas agrícolas e os escuteiros.

A ARCA ou Associação Recreativa e Cultural de Antas tem a sede provisória no lugar de Portela e os sócios costumam reunir à noite, bem como nos fins de semana. As reuniões destinam-se aos assuntos administrativos, eleitorais, ensaios de canto, convívio, música, dança e teatro, conforme o interesse dos sócios.

Como a sede é pequena, por vezes, os associados enlaçam e reúnem nas casas de alguns deles, enquanto não houver uma sede apropriada e condigna para os fins em vista. Também reúnem com a população nas festas, quando participam em actuações do grupo coral ou desportivo.

Os mesários ou mordomos das confrarias religiosas também se juntam, algumas vezes, para combinarem a forma de actuar ao longo do ano e nas festividades. Essas reuniões são efectuadas, vulgarmente, no salão paroquial ou na sacristia da igreja. Apenas participam os membros responsáveis pelas confrarias respectivas.

Pensando em cooperativas agrícolas temos as seguin-

tes: Cooperativa Agrícola Famalicense, Cooperativa dos Produtores de Leite e a Frutivinhos.

A primeira tem instalação própria e salão de reuniões. É aí que os agricultores costumam reunir para assuntos com eles relacionados.

Igualmente se costumam juntar nesse salão os associados da CAP ou Confederação de Agricultores Portugueses, que é formada por agricultores proprietários.

Os escuteiros de Antas reúnem, normalmente, nas manhãs de domingo, para convívio e aprendizagem de regulamentos escutistas. Fazem-no no salão paroquial. Por vezes, realizam acampamentos e passeios ao ar livre, aproveitando os fins de semana, férias e feriados, juntando os associados e até os familiares.

As reuniões efectuadas pelos membros da ARCA e pelos escuteiros, também se podem considerar de aspecto cultural e recreativo.

As duas associações anteriores e o Futebol Clube de Famalicão fazem reuniões de carácter desportivo, embora se saliente o último grupo.

Na sede do futebol há salas próprias para reuniões, tanto da assembleia como da direcção, embora pequenas. Aí se tratam assuntos ligados ao desporto. Porém, nas reuniões de assembleia geral, a direcção de futebol costuma recorrer a locais mais amplos, como o do cinema e dos bombeiros, por terem salas maiores e em melhores condições.

Nas escolas de Antas há reuniões informais com os professores e os encarregados de educação, quando aqueles convocam estes, a fim de tratarem assuntos diversos, tais como: assiduidade às aulas, caixa escolar, festas; higiene, horários, limpeza da escola; livros modos de aprender e de ensinar, obras; passeios escolares, suplemento alimentar e outros.

A população interessada participa regularmente, mas há diversas pessoas que não comparecem a essas reuniões, alheando-se simplesmente ou porque têm outros serviços nessas ocasiões.

Politicamente, as reuniões são poucas, a não ser um ou outro comício de esclarecimento ou de propaganda eleitoral, em épocas eleitorais. Geralmente, fazem-no à noite, na escola de Cruzeiro.

Os militantes que mais reúnem, em grupo, parecem ser os do Partido Comunista, embora poucos e não tenham um lugar certo para isso.

(Continua)

Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

Habitat

NOTAM - n.º 1633 -
(Continuação) 12

A pouco e pouco assiste-se a um renascimento contínuo nas casas desta freguesia. Umaz fazem-se de novo outras são arranjadas, enquanto algumas vão caindo lentamente, abandonadas pelo tempo, especialmente ligadas à lavoura.

Na zona urbana aparecem prédios de vários andares e com diversos apartamentos. Presentemente, está em construção um conjunto de 256 fogos, pertencentes ao Fundo de Fomento e Habitação, no lugar de Lameiras, considerado o maior aglomerado habitacional de Antas.

Pensando na zona rural, já se vislumbram muitas casas novas ou relativamente novas e outras arranjadas, dando um certo aspecto de beleza paisagística ao forasteiro. Porém, de mistura com essas, aparecem algumas degradadas, a cair, tristinhas ou abandonadas, pertencentes a pessoas de poucos rendimentos, como alguns agricultores descapitalizados.

A emigração teve algum efeito no crescimento das moradias, já que algumas se construíram por emigrantes. Mas o efeito é genérico, o que traduz uma melhoria grande nas condições de vida na população local, mercê do progresso económico e técnico, com os avanços do comércio e da indústria, na freguesia e fora dela.

Na construção civil, quase se pôs de lado a pedra, recorrendo-se mais aos blocos de cimento, ao betão armado e ao tijolo, por serem artigos mais baratos, práticos e fáceis de conseguir, bem como ao encarecimento dos salários e à falta de pessoal experiente.

Também está em declínio a telha de tipo «nacional», com pedras a segurá-la dos ventos fortes, usando-se mais

a telha de tipo «francesa» ou mesmo de canudo, por ser mais bela, segura e resistente. Por vezes, já aparece pintada de preto ou em argibetão, dando maior encanto e graça nas habitações, assim como também se faz a substituição da telha por placas de lusalite ou fibrocimento, de cores cinza e preta, tornando os telhados mais sóbrios e airoso, com aspecto de leveza.

As fachadas sumptuosas de pedra granítica, nas portas e janelas, quase já não se constroem, pois foram substituídas por outras de cimento armado, tijolo e até de mármore.

Em Antas não se conhecem solares ou castelos, mas predomina a casa de lavoura, nos campos, e a casa moderna, nas construções novas de há vinte ou mais anos para cá.

No lugar das Almas, há um bairro relativamente novo, o mesmo acontecendo nos lugares de Pinheiral, Queimados, Regadas e Vilar. Quase todas as casas novas são de construção moderna, até porque obedecem a uma planta com aprovação dos serviços camarários, estabelecendo-se uma certa uniformidade nas linhas e requisitos essenciais.

Aparecem algumas casas de aspecto mais antigo, pobre ou tradicional, nos lugares de Codesseira, Lagoa, Ribeirais, Sarnado e Varziela. Outros lugares também as possuem, misturando-se as casas antigas e as modernas, pois à medida que umas morrem outras se constroem, em permanente e constante renovação.

(Continua.)

13 Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

(Continuação)

Das pessoas analfabetas, algumas há que gostariam de aprender mais alguma coisa. Umas, por necessidade profissional; outras, por gosto de valorização humana.

As pessoas de Antas voltariam à escola, desde que fosse na localidade e o ambiente de trabalho lhes agradasse.

Antigamente, a escola era repressiva, violenta, isto é, havia muitos castigos corporais e até psíquicos, que desmoralizavam as crianças, atemorizando-as pela vida fora. Era a «pedagogia da régua e da palmatória».

Pensar na escola era o medo, o terror, vindo as crianças nas mestras umas feras maldosas, que tudo resolviam com violência.

Agora já se respira outro ar nas escolas.

As crianças, de forma geral, gostam de frequentar as aulas, brincando alegremente nos recreios entre si e com os educadores. *NTam. 29/8/86*

Mudaram os tempos, mudaram as *fontes*. Os ensinamentos antigos perderam força e oportunidade em face dos novos conhecimentos adquiridos e formas de os transmitir.

É o cinema, o jornal, o livro, a rádio, a revista, o teatro e a televisão que mais contribuem para abrir novos horizontes ao povo, despertando-o para novas maneiras de viver, novas formas de se enquadrar na sociedade livre, democrática e não autoritária.

«MASS-MÉDIA»

Os cafés de Antas têm mais frequência nas horas nocturnas e nos fins de semana. As pessoas vêem imagens televisivas, consoante os programas que vão aparecendo e o gosto de cada um, interessando-se mais por canções, desenhos animados, desporto, entrevistas, filmes diversos (nacionais e estrangeiros), jogos (sem fronteiras), noticiários e teatro.

Geralmente, as pessoas comentam alguns programas transmitidos, mostrando agrado ou desgosto por eles e actuações respectivas, gostando de filmes alegres, que ajudam a passar o tempo livre, após o trabalho quoti-

diano.

Nota-se muito o interesse dos espectadores por filmes da Natureza (animais, oceanos, plantas e rochas), filmes brasileiros e portugueses, futebol e noticiários.

O filme brasileiro — «Dona Xepa» — prende a atenção generalizada ao fim da tarde e todos correm pressurosos, a fim de não perderem os episódios.

Como programas educativos, muita gente gosta de apreciar a criação de animais e plantas, o combate aos incêndios, educação materno-infantil, natação, saúde e outros.

Na freguesia de Antas não se conhecem jornais colectivos. Porém, nalguns cafés aparecem jornais diários e semanários, da casa ou dos fregueses. Alguns clientes lêem-nos e fazem comentários de certos artigos, que lhes interessam mais, aproveitando para se juntarem num convívio fraterno e duradouro. *29/8/86*

O futebol costuma prender muito as atenções dos grupos formados, embora haja quem goste de novidades várias: corridas, desastre, economia, política, religião e sindicalismo.

PROBLEMAS SOCIAIS

DROGA

Embora a droga se encontre muito espalhada pela sociedade, em Antas não se conhecem casos específicos para assinalar.

PROSTITUIÇÃO

Consta que a prostituição aparece disfarçada nesta freguesia, em Vilar, na mata do Senhor Fernando Mesquita, designada por Devesa e Tapada. Por lá passam algumas mulheres e homens que as procuram, especialmente no tempo primaveril, outonal e de verão.

A população local sente isso com desgosto, mas vai tolerando como pode, pois ainda não tem outra solução, mais conveniente.

(Continua.)

Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

(Continuação)

ALCOOLISMO

O alcoolismo está bastante espalhado na aldeia. Pelo fim da tarde e à noite, após o trabalho, assim como nos fins de semana, alguns homens vão até aos cafés e tabernas, bebendo excessivamente, enquanto conversam de ninharias.

Conversam, jogam e «bebem por vício», fazendo mesmo apostas de jogo ou contratos de previsões «ao perder ou pagar».

É mais usual o vinho verde, branco e tinto, mas também se usa cerveja e bebidas requintadas, consoante o gosto e posses de cada um.

Depois de «bem molhados» e cambaleantes, tornam-se palradores sem nexos e lá vão para casa ou para a rua, sós ou acompanhados, cantando ou dizendo disparates, alvoraçando a família e os vizinhos, que os sofrem. Por vezes, batem uns nos outros ou na mulher e nos filhos, alterando a família inteira.

Com o álcool excessivo, as pessoas perdem o controle da situação e as faculdades mentais vão baixando gradualmente, acabando por se tornarem «farrapos humanos» em destruição constante.

De certa maneira, é uma forma habitual de convívio nessas pessoas, já que não procuram um centro cultural e recreativo, onde pudessem ocupar os tempos livres, vendo a tentação alcoólica.

A proliferação de cafés e tabernas disseminadas na freguesia de Antas atestam fortemente o interesse da população por esses centros, embora alguns cafés sirvam também as populações de outras localidades.

N.º 579/86 EMIGRAÇÃO

Pouca gente desta freguesia emigrou e os casos mais

conhecidos encontram-se na Alemanha ou na França.

Geralmente, os emigrantes de Antas vêm a Portugal pelas férias de Verão e gostam de ostentar riqueza, dar nas vistas com o palrar estrangeirado, pavonear-se vaidosamente, julgando-se novos senhores. Alguns enviam bastante dinheiro de lá para cá, em francos e marcos, aumentando muito por causa do câmbio. Fazem casas novas, compram automóveis, máquinas domésticas ou eletrodomésticos, mobílias, rádios, roupas e televisores.

Primeiro, emigraram os maridos, após 1960, depois seguiram as esposas e os filhos, mas esperando regressar brevemente, logo que pagassem as dívidas e por cá arranjassem trabalho compensador.

Ouvindo relatos verbais de alguns emigrantes, eles esforçam-se muitíssimo no estrangeiro, em horas extraordinárias, com trabalhos humildes e sujos, que na terra natal rejeitavam e até teriam vergonha de realizar. Exemplo: cozinhar, despejar fossas ou retretes e lavar a roupa suja do trabalho.

Alguns vegetam por barracas, casas de obras em construção, sotãos e tendas. Tudo em condições degradantes e miseráveis, mais parecendo ciganos de costumes ancestrais, numa promiscuidade permanente.

Por estimativa, calculam-se doze famílias emigradas e oriundas desta terra, é pouco influenciada pelo estrangeirismo passageiro.

Por outro lado, os emigrantes são poucos e dispersos, por outro, passam de corrida e pouco convivem no meio. Fala-se deles na ocasião das férias e pouco mais.

Louva-se o trabalho dos emigrantes, em geral, o sucesso económico, o entusiasmo da fartura que gostam de mostrar. Mas os rapazes e raparigas de Antas não se prendem pela emigração, talvez por estarem muito perto do centro urbano da Vila. Além disso, não se faz sentir o espectro do desemprego, já que todos se vão acondicionando razoavelmente na agricultura, no comércio, na indústria e nos serviços.

A juventude não é muito influenciada pela emigração nas formas de vestir e de viver. Exerce maior influência a comunicação social com jornais, rádio, revistas e televisão, esta com filmes brasileiros, passagens de modelos e outros.

(Continua)

Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

(Continuação)

CRISE DA FAMÍLIA, MAES SOLTEIRAS, SEPARAÇÃO DIVÓRCIO

Noutros tempos, havia a família patriarcal muito ligada com a lavoura, por quase não haver comércio, comunicação social, indústria, serviços e transportes.

Devido à situação fechada dos povos, quase ninguém sabia dos problemas familiares uns dos outros. Tudo se ignorava ou se restringia à vizinhança de aldeia.

Com o regresso do século vinte, a vida tornou-se mais instável, as pessoas saem de casa e vão trabalhar fora dela, sendo solicitadas por diversas atracções mundanas.

Ganham e gastam mais dinheiro, tornando-se mais independentes do paternalismo ancestral, dos condiciona-
lismos e costumes familiares, políticos, religiosos e so-
ciais. *11 Ago. 19/9/86 (12/9)*

Esse conjunto de factores tornou as pessoas mais arrogantes, exibicionistas e orgulhosas. É a sociedade do consumo, estando os meios de comunicação social, constantemente, a propagandear artigos novos, entusiasmando as compras em prestações ou a pronto pagamento.

O fascínio de ter de possuir, leva as pessoas ao desejo de comprar tudo, de qualquer maneira, haja ou não pos-
sibilidades económicas imediatas.

Outras vezes, o trabalho separa muito os casais, es-
tando os cônjuges afastados um do outro e em convívio
quotidiano com outras pessoas, onde se estabelecem ami-
zades duradouras. A emigração é um caso flagrante, as-
sim como o trabalho longe de casa.

Então, as relações de família vão arrefecendo gradual-
mente, não resistindo ao menor aborrecimento, às arrelia-
s involuntárias ou propositadas, às dificuldades da vida. E
assim se vai desfazendo a família, surge a infidelidade con-

jugal, o divórcio de acção e pensamento a separação
facto ou gradualmente oficializada, gerando-se a crise na
família, o ruir dos casais, a destruição da sociedade ante-
rior por outros padrões controversos e materializantes.

Desfeito o matrimónio, são os filhos atirados para a
estrada ou para a rua, como «farrapos humanos» ao
abandono, sujeitos aos perigos da sociedade: álcool, droga,
prostituição, roubo, vandalismo e outros.

Geram-se novos conflitos e uma nova sociedade revol-
tada, maldizendo os pais criminosos que tiveram e lhes
destruíram a personalidade em crescimento, quando mais
precisaram de apoio ou de amparo na vida florescente.

As famílias de Antas são mais ou menos estáveis, em-
bora aparecendo um ou outro caso de lares desfeitos ou
desavindos, mas sem grande significado. Também há na-
moros ou noivados desfeitos, cujas mulheres se encontram
grávidas ou algumas serviciais que viveram longe da fami-
lia e por lá arranjaram descendência.

Pelas razões anteriores, surgem aqui e além algumas
mães solteiras, embora não sendo frequentes. Nalguns
casos, casam mais tarde com o pai da criança, regulari-
zando a situação anterior. *12/9*

Igualmente, os casais separados e divorciados são
poucos nesta freguesia de Antas, não havendo razões para
alarme, para preocupações exageradas ou desmedidas.

As causas mais vulgares para o divórcio, separação
judicial ou de facto, são quase sempre os ciúmes, desen-
tendimentos conjugais, falta de compreensão mútua, infi-
delidade escondida ou notória. Também aparece o alcoo-
lismo como forte destruidor da família, pelos maus tratos
dos maridos nas esposas e filhos. / As mulheres espanca-
das fogem de casa e os filhos dividem-se a favor do pai
ou da mãe.

Umaz vezes, essas separações são passageiras; outras
vezes, prolongam-se por muito tempo. É um cancro cor-
rosivo da família, que a vai destruindo a pouco e pouco,
algumas vezes para sempre, originando o divórcio, como
um mal necessário.

(Continua)

¹⁶Monografia de Antas

Por Prof. José Almeida Alves

Em Antas costumam andar quatro cruzeiros ou quatro compassos, de manhã até à noite.

Nos últimos anos, os quatro compassos têm-se juntado, ao meio-dia, na sede dos Bombeiros Voluntários de Famalicão, onde há missa e alegre celebração litúrgica, reunindo muita gente. *N. fam. 9/15/82*

Antes das cerimónias, os bombeiros esperam os compassos na capela de Santo António e lá vão em marcha garbosa para a sede deles.

Em 13 de Junho celebra-se a festa de Santo António, na capela de seu nome, sita na rua Alves Roçadas.

O município, ultimamente, tornou esse dia feriado concelhio e subsidia as festas respectivas, fazendo reviver um antigo costume das festas concelhias ou «festas antonininas».

Na capela do santo realizam-se algumas cerimónias religiosas, terminando com uma procissão nas ruas da vila.

Para maior brilho e solenidade, comparecem umas bandas de música, bem como ranchos folclóricos, havendo também concursos de animais, feira franca e fogo de artifício.

A 25 de Julho celebra-se a festa de São Tiago, padroeiro de Antas. Talvez por ser no Verão, parece não haver grande entusiasmo por ela. As pessoas alheiam-se e pouco aparecem.

Numa espécie de permuta, algumas pessoas participam nas festas de freguesias vizinhas, quando elas ocorrem.

ROMARIAS

As romarias estão associadas às festas religiosas ou a lugares de devoção.

Parece que noutros tempos eram mais vulgares, encontrando-se agora em desuso. As pessoas iam a pé às capelas e igrejas de suas devoções. Agora já é menos vulgar, embora ainda haja quem o faça, mas é mais usual o

transporte de carro (particular ou colectivo).

Desta freguesia de Antas, ainda há quem vá ao Samedeiro, a Fátima e ao São Bento da Porta Aberta.

Se algumas pessoas fazem o percurso por devoção, outras fazem-lhes companhia, em jeito de distração e passeio turístico. Geralmente, é um dia de folga e quase sempre nos fins de semana.

Há cerca de trinta anos, um formado por donzelas, cantando em grupo (cerca de 10 a 15). Eram promessa a cumprir por «alguma graça recebida».

Em casa da pessoa «beneficiada», as raparigas juntavam-se e lá iam a cantar e a rezar até à capela ou igreja indicada, regressando novamente à mesma morada, onde comiam e bebiam lauta e alegremente.

DEVOÇÕES

As devoções são inúmeras e cada pessoa, no seu intimo, alberga as que pretende ou gosta.

Na freguesia de Antas nota-se muito a devoção pelas almas ou entes falecidos, na visita ao cemitério paroquial, cujas campas atestam bem e publicamente o sentimento religioso dos crentes. *9/17/82*

Além desta devoção ou sentimento espiritual, há a devoção a Deus, a Nossa Senhora e aos Santos, em geral.

Certas famílias rezam o terço e outras orações em casa, assim como também aparecem alguns nichos espalhados pela aldeia, mas quase todos ao abandono.

Ao domingo, há missas dominicais e a reza do terço, à tarde, assistindo quem puder e quiser.

Antecedendo algumas festas, fazem-se novenas ou orações preparatórias.

Em Maio, costuma rezar-se o terço diário na igreja paroquial e na capela de Santo António; em Novembro, há o «Mês das Almas», com orações diárias, acompanhadas de cânticos, explicações e leituras apropriadas.

Também há pessoas encarregadas do arranjo dos altares, dispondo flores e toalhas, numa devoção constante para o culto divino. São as «zeladoras» que tratam desses trabalhos e canseiras.

(Continua.)

Monografia de Antas ¹⁷

Por Prof. José Almeida Alves

Após o baptismo, faz-se o assento ou registo do livro paroquial, sendo o termo assinado pelo paroco e padrinhos.

Posteriormente, os sinos tocam uns «repiques» característicos, em sinal de alegria e aviso à comunidade paroquial.

O padrinho costume gratificar o pároco com dinheiro, de valor médio correspondente ao de uma galinha.

Findas as cerimónias, pais, padrinhos e convidados, quando os há, vão para casa dos pais da criança e faz-se uma refeição festiva, em que todos participam alegremente.

Os convidados, normalmente, são alguns amigos e familiares mais íntimos do casal.

Nsetes repastos é usual iniciar pela canja ou sopa, seguindo-se o prato de «Cozido à Portuguesa», que é formado por batatas, carnes de frango porco e vaca, cenouras, hostalicas e ovos. Acompanha o arroz, o pão de milho ou de trigo, sendo tudo «bem regado» com o vinho da região e terminando com alguma fruta e alguma doceira arranjadas na aldeia.

Este é um costume das pessoas modestas.

Se a família tem posses económicas escolhe estas e outras comidas, como o bacalhau, a pescada; bem como estas e outras bebidas, frutas variadas, doces em abundância, tornando a festa mais rica e variada, ao gosto de cada conviva. Serve-se aletria, doces adquiridos nas pastelarias, queijo; café, champagne, vinho do Porto e outras

marcas já requisitadas, etc.

Pela festa da Páscoa, os padrinhos costumam oferecer o foliar aos afilhados, consoante as suas posses e o gosto dele. Na freguesia de Antas é vulgar a oferta de amêndoas, brinquedos, calçado, dinheiro, doces, livros, pão-de-ló, regueifa e vestuário. Cada um oferece aquilo que lhe parece mais conveniente aos afilhados, atendendo à idade dos beneficiados e às posses do ofertante. São prendas que se costumam manter até ao casamento ou até à maior idade dos afilhados.

É dever dos padrinhos amparar os afilhados, especialmente se os pais falecerem ou tiverem muitas dificuldades, arranjando-lhes trabalho, colaborando nas despesas da educação, dando-lhes de comer e de vestir, etc. De certa maneira, é uma forma voluntária de suprir a falta dos pais, quando for necessário às crianças pequenas e indefesas.

(Continua)

Monografia de Antas¹⁸

Provisório

Por Prof. José Almeida Alves

- 21 — Em Abril, águas mil
- 22 — Em Janeiro, sobe ao outeiro; se vires verdejar põe-te a chorar; se vires terrear, põe-te a cantar
- 23 — Em Junho, fouchinha em punho
- 24 — Em Maio, já se comem cerejas ao borralho
- 25 — Em Março, as laranjas são como melaço
- 26 — Em Março, «espigaço»; e as mangas arregaço
- 27 — Em Março, por onde quer eu passo
- 28 — Em Roma, sê romano; em Portugal, português
- 29 — Filho és, pai serás; como fizeres, assim receberás
- 30 — Filho de peixe, sabe nadar
- 32 — Graças a Deus, muitas graças, com Deus, nenhuma
N.º 281 x 11 87
- 33 — Grão a grão, enche a galinha o papo
- 34 — Há sempre um chinelo para um pé torto e um testo velho para uma panela.
- 35 — Longe da vista, longe do coração
- 36 — Lua Nova trovejada, trinta dias é molhada; e se for setembrada, seis meses fica enxarcada
- 37 — Mais vale perder um minuto na vida, do que perder a vida num minuto
- 38 — Mais vale tarde do que nunca
- 39 — Mais vale uma mulher careca em pé, do que uma cabeluda de rastos
- 40 — Mais vale um pássaro na mão, do que dois a voar
- 41 — Muita parra, pouca uva
- 42 — Muito riso, pouco juízo
- 43 — Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje
- 44 — Não faças mal ao vizinho, que o mal vem pelo caminho
- 45 — Não peças a quem pediu nem sirvas quem serviu
- 46 — Não te ponhas a comprar o que não podes pagar
- 47 — Nem tudo que luz é ouro
- 48 — Ninguém diga: — desta água não beberei
- 49 — Os homens não se medem aos palmos

- 50 — O que se há-de dar ao rato, dê-se ao gato
- 51 — Orelhas de burro não chegam ao céu
- 52 — O seguro morreu de velho
- 53 — Palavra de homem honrado vale uma escritura
- 54 — Palavras, leva-as o vento
- 55 — Palavras loucas, orelhas moucas
- 56 — Pelo São João, a sardinha pinga no pão
- 57 — Pelo São Lourenço, vai à vinha e enche o lenço
- 58 — Pelo São Martinho, abatoca o teu vinho
- 59 — Pelo São Martinho, prova o teu vinho
- 60 — Pelo São Tiago, pinta o bago
- 61 — Quanto mais depressa, mais devagar
- 62 — Quem ora e fia, ouro cria
- 63 — Quem adiante não olha, atrás torna
- 64 — Quem no alheio veste, na praça o despe
- 65 — Quem cabritos vende e cabras não tem, de al-gures lhe vem
- 66 — Quem canta, seu mal espanta
- 67 — Quem diz o que quer, ouve o que não quer
- 68 — Quem espera, desespera
- 69 — Quem espera, sempre alcança *281 x 11 87*
- 70 — Quem com ferros mata, com ferros morre
- 71 — Quem de madrugada se põe a cantar, ou é tolo ou quer casar
- 72 — Quem mais alto sobe, mais baixo vem cair
- 73 — Quem se mete por atalhos, não está livre de tra-balhos *281 x 11*
- 74 — Quem muito fala, pouco acerta
- 75 — Quem não poupa água e lenha, não poupa nada que tenha
- 76 — Quem quer, vai, quem não quer, manda
- 77 — Quem tem filhos tem cadilhos; tem-nos quem os não tiver; mas quem tem filhos ainda vive, mes-mo depois de morrer
- 78 — Quem tiver telhas de vidro, não pode atirar pe-dradas; fui atirar às vossas, achei as minhas quebradas
- 79 — Quem tudo quer, tudo perde
- 80 — Todos os caminhos vão dar a Roma
- 81 — Usa e serás mestre
- 82 — Vinho de Maio, leva-o o gaio

(Continua.)

Alexos:



UNIVERSIDADE DO MINHO
BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Exmo. Senhor
Dr. Francisco Alves de Almeida
Rua D. Carlos Mascarenhas, 70-2º E
1070 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência

Data

BPB-117/96

Assunto

021642

30. OUT. 1996

Em resposta à prezada carta de V. Exa., aqui recebida em 23 Out. 96, informo que é com todo o gosto que a Biblioteca Pública receberá a oferta da colecção de artigos publicados na imprensa local, bem como os Apontamentos da autoria de V. Exa.

Sendo esta a mais importante biblioteca do Norte do país (excluindo, naturalmente, o Porto) temos sempre o maior interesse em receber documentação sobre a região, nomeadamente quando se trata de colecções de artigos escritos em diversos jornais, por isso mesmo de difícil localização e compilação.

Relativamente à questão do tombo de Galegos, Sta. Maria, transmiti a informação à senhora directora do Arquivo Distrital de Braga.

Pedia a V. Exa. que, quando nos enviasse os livros referidos, os fizesse acompanhar de uma nota bio-bibliográfica, para uma completa identificação do doador desses documentos.

Renovando os meus agradecimentos pela iniciativa, aproveito para enviar os melhores cumprimentos.

Henrique Barreto Nunes
(Assessor de Biblioteca)

DE CABEÇUDOS, DA

2.55

Porque não vi no Notícias de Famalicão notícia destes dois trabalhos, (ou, pelo menos, nisso não reparei) pareceu-me ser útil aos senhores leitores falar dessas monografias.

A 1.^a (Cabeçudos) vem já em letra redonda, edição da vossa zelosa Câmara, a quem teço encomios por este serviço ao concelho, que sempre custa bom dinheiro. Só estranho que não fosse, como parece que devia ser, a Junta de Cabeçudos a editá-la.

Saiu, corre impressa e é o que à cultura interessa. É do ano de 1982, a que tenho foi-me oferecida pelo Prof. das Antas, Almeida Alves, e tem 92 páginas, afora o índice.

Não vou resumi-la. Sempre lhes direi que o Autor é muito ilustrado e seguro. Chama-se Costa e Sá. Daqui, ao Autor, os meus sinceros parabéns pelo trabalho.

Parabéns ainda a todos os de Famalicão, sobretudo aos de Cabeçudos, que por esta via hão-de ver o nome da terra ser levado bem longe por exemplo, a Lisboa, donde esta escrevo.

Um voto: que surjam as histórias de cada uma das vossas restantes freguesias e que os de Cabeçudos publiquem os documentos que a Monografia refere e outros ainda, que os há.

É uma honra para os 1171 eleitores (censo de 81, obra citada, pág. 29) de Cabeçudos — 585 homens e 386 mulheres. +1

Todas as freguesias têm ali uma achega (pág. 9) nas generalidades sobre a origem das freguesias. Mas Cabeçudos vem mesmo de Monte cabeco? Como se ligam os S'antiagos da nossa zona ao de Compostela? Certo, houve os votos ou votos ao S'antiago.

Como é que o convento de

N. tam = jornal Notícias de Famalicão (21.2.83)

afias Famalicenses

AS ANTAS

Por FRANCISCO ALMEIDA

Várzea — ali perto já de Barcelos — foi adquirir terras em Cabeçudos, tão longe? (Pág. 12) Que relações se poderão aprender entre o Reguengo em Cabeçudos e o falado na Vila Nova. Entre

Dois Forais (do Padre Benjamim)? Também ando à cata de saber porque foi que há 1000 anos certos lugares da freguesia X eram

(Continua na 6.^a página)

Duas Novas Monografias Famalicenses

(Continuação da 1.^a página)

meeiros, quer dizer: num ano,

(recebiam...)

Mas o vosso Protestante, de 1929 (pág. 78), de facto espírito católico não o tinha. Era fruto

DNº 2.55 = o texto está em Obsecap Andorinha — em Bore, em Bore e em 3.ª. história - volume 2.º, p. 55.

recebiam o baptismo do pároco de X e no outro, do vizinho, como vi para Galegos (Barcelos), anos de 1600 — caso que andou em justiça (vossa Cabeçudos (pág. 17).

O Tombo de Antas, que Benjamim Salgado estudou — e o de Joane — poderão esclarecer alguma coisa sobre o de Cabeçudos, de 1549? (pág. 21).

Foi pena ter anoitecido naquele dia que andavam nos marcos (pág. 25). E a contagem, ficou como as Capelas Imperfeitas!

Curiosa a evolução do número de pessoas a viver em Cabeçudos, coisa que o barcelense, Dr. Fonseca, também registou no seu Barcelos-Aquém e Barcelos-Além. Vejam: ano de 1220 — 20 casais (umas 120 pessoas); em 1706 — umas 320; por 1867, umas 436; em 1981, mais que 10 vezes as do ano 1220 (pág. 28).

Logo, a capacidade de a terra dar não aumentou e muito. A indústria ajuda, mas disso quase nada há em Cabeçudos, diz o Autor.

N. Tam. 11/2/83

E onde param os textos (certidões) das Visitações a Cabeçudos? Nelas se espelha o que foi a vida da freguesia como até a mostrou o Autor da de Joane.

Intriga-me a vossa capela, em honra de S. Paio (Pelágio). Porque é que quase só o veneram os a Sul do rio Cávado, sabem dizer? (ver a freguesia de S. Paio de Carvalhal, aí perto, Barcelos).

Que relação terá havido entre Cabeçudos e o D. Gonçalo Pereira, o que deixou legado na Sé de Braga? (pág. 51). Honra Cabeçudos o grande Alberto Sampaio. Fico a saber que o falecido colaborador deste jornal — As Nossas Festas — que mais ninguém recordou, Padre Carneiro, era de Cabeçudos. Só esse vulto já faria Cabeçudos terra brilhante, porque ele foi brilhante (e o Autor realçou-lhe o brilho).

Para mais, o Autor mostra-vos as vossas raízes: gente anterior aos Romanos que para Cabeçudos vieram. (pág. 70 e 79).

da maçonaria e do republicanismo que mandaram as Culturais.

Para terminar: ali tendes o que foi o vosso Carnaval de há 50 anos, curioso registo etnológico (pág. 88).

DA DE ANTAS

É manuscrito de suas 85 folhas e escreveu-a o Prof. Almeida Alves, que me cedeu a cópia. Tudo aqui lhe agradeço. Há tempos escrevi deste trabalho notícia mais longa, mas o Autor não quis que se publicasse. Acho modéstia a mais porque o trabalho merece pelo menos: — a) que se dactilografe; — b) que uma cópia fique depositada na Câmara e outra na Junta e outra no arquivo paroquial das Antas; — c) que seja resumida (ao menos isso) e ou a Junta ou a Câmara a façam publicar. Porque tanto trabalho — recolha de dados sobre Antas — não deve ficar esquecido nem perder-se.

E há perigo de se perder.

Será que os de Antas nem sequer sabiam deste trabalho acerca da freguesia? Que o Autor me perdoe, mas ficam a saber. Vejam-no, leiam-no, publiquem-no para vós e vossos filhos, no todo ou resumido. Nem vos falta dinheiro nem capacidade. Oxalá o querer surja.

E, sobre o que me propus, tenho dito.

P. S.: Os leitores notaram aquela hipocrisia toda do Congresso dos Jornalistas? Aqueles rapazes, coitados? Faltam-lhes, um rumo, uma Filosofia capaz, uma Moral limpa. E sem isso, a hipocrisia não se arranca dos peitos deles. Vale-me não ser jornalista.

«DUAS NOVAS MONOGRAFIAS...»

Anuixa

Por ANTONIO DA COSTA E SA

No «Notícias de Famalicão», ano XLII, n.º 1541, de 11-2-1983, foi publicado um artigo intitulado «DUAS NOVAS MONOGRAFIAS FAMALICENSES, de Cabeçudos, das Antas», da autoria de Francisco de Almeida.

Por o artigo incidir sua apreciação mais sobre a «Monografia de Cabeçudos» e por conter alguns comentários e interrogações, não quero deixá-lo sem a resposta possível, limitada ao tempo e espaço disponíveis. Também será uma maneira de elucidar o Sr. F. A. (que, segundo revela, é muito apreciador de trabalhos históricos e interessado na pesquisa e divulgação dos valores culturais da terra famalicense) e de lhe agradecer os parabéns que se dignou dirigir-me por tão modesto e despretencioso trabalho, subornado ao título que tem e versando um tema que me foi particularmente gostoso e apaixonante: desbravar e dar a conhecer o património histórico, cultural e costumeiro duma pequenina freguesia do concelho de VILA NOVA, dando uma achega (limitada, porque limitados são as

fontes e elementos de que se dispõe) para uma monografia concelhia, que todos devem desejar.

Mas vamos ao que mais interessa:

1 — Estranha o Sr. F. A. que a «Monografia» não tenha sido editada pela Junta de Cabeçudos. Sê-lo-ia, apesar deste serviço também lhe «custar bom dinheiro».

Not-fam. 18/3/83

ro», se a Câmara não tivesse prestado sua colaboração na publicação de um trabalho, que representa um subsídio para uma monografia geral e concelhia. Só se lamenta que a das Antas (ainda desconhecida por mim), pelas mesmas razões, não venha a ter igual colaboração. Mesmo

(Continua na 3.ª página)

«DUAS NOVAS MONOGRAFIAS...»

(Continuação da 1.ª página)

assim, sem correr impressa, não deixei de chegar a Lisboa, tal como a imprensa, o que só foi possível, certamente, por deferência e amizade do Professor das Antas Sr. Almeida Alves, para com o destinatário.

2 — Faz votos para que sejam publicados os documentos referidos na «Monografia». Que documentos? Além de extractos de obras já publicadas, cita-se o «INQUÉRITO DE 1578» do Padre Luís Cardoso, respeitante à freguesia e que se encontra, manuscrito, na Torre do Tombo, à disposição de quem o quiser consultar. O seu interesse é restrito à freguesia, mas, se o Sr. F. A. estiver interessado nele, terei prazer em enviar uma fotocópia. Com uma condição: indicar-me os

«outros documentos» não referidos e que, segundo afirma, existem. Citam-se ainda os Tombo de Esmeriz e Cabeçudos, constantes do Livro de Tombos do Cabido da Sé de Braga existente na Biblioteca Distrital (agora, da Universidade do Minho); uma sentença de execução de 1808, documento da Junta sobre limites já transcrito na «Monografia», a completar uma descrição «imperfeita» sobre marcos... Para quaisquer outros, são citadas suas origens, como a «Provisão» do Arcebispo de 1601.

3 — Interroga-se sobre a origem do nome de Cabeçudos. A tal respeito, limitei-me a transmitir uma opinião, pessoal, alterçada na terminologia dos documentos antigos (onde, desde o ano de 1220, se refere «De Sancto Christophori de Cabeçudos») e na tradição. A expressão galaica «cabezo» como sugere aquela terminologia e, posteriormente, o nome que lhe ficou. Mas não pode, nem deve, confundir-se «cabeço» com «monte», pois se assemelha com «monte», pois se assemelha com «outreiro» a localização da freguesia. Tera o articulista outros elementos mais seguros, que mais prováveis, quanto à origem do nome?

4 — Interroga-se também quanto ao facto do convento da Várzea — perto de Barcelos — ter adquirido terras em Cabeçudos. Não se afirma que aquele convento «adquiriu» terras, mas que Cabeçudos tinha casais (prédios loreiros) de vários conventos, aos quais o possuidor do «domínio útil» pagava o foro, estabelecido ao «senhorio directo» pelo emporeamento.

Efectivamente, as Inquirições de D. Afonso II referem que os Jurados, quanto a «Bens de Ordens», «dixerunt quod ista ecclesiam habet senarías» (v. pag. 12). Os beneficiados eram diversos e, entre eles, o convento da Várzea com um casal. Até o de Santo Ilmo recebia foro de 7 casais. Havia vários modos de «adquirir» tais benefícios, sendo o mais usual através de lezações.

5 — Não há indicações da existência de qualquer relação do «Reguengo de Cabeçudos» com o «Reguengo de Vila Nova IV». Entre falado de Vila Nova IV, «Entre dois Forais» do Padre Benjamim, isto não significa que também aquele não fosse um prolongamento (ou uma parte) do último.

O 1.º Foral não localiza com exactidão o «Reguengo» de El Rei em Vila Nova e, consequentemente, a situação dos 40 casais beneficiários. Por sua vez, aquele Autor também os não concretiza. É um assunto interessante

a merecer estudo mais profundo, para quem tiver «engenho e arte».

6— O articulista anda à cata de saber a origem dos meeiros — lugares afectos, ano sim ano não, a duas paróquias, como aconteceu com Cabeçudos e Esmeriz. Pelos vistos, não o satisfaz a explicação dada a fls. 17, em nota 14, da «Monografia» de Cabeçudos. Também a mim não satisfaz totalmente, mas ainda não encontro outra melhor.

7— Dá a entender o Sr. F. A. que o Tombo das Antas, do Padre Benjamim Salgado, poderá esclarecer alguma coisa sobre o de Cabeçudos. Como ainda o não consegui, nem o li, é possível que

nam 18/3/83

esclareça. Grato pela informação, pois leva-me a tentar obtê-lo.

O de Joane não deu ajuda que interessasse grandemente, embora seja um trabalho meritório e útil a sua leitura.

8— Como na «Monografia» há uma curta referência às «Visitações», pretende o articulista saber onde param os textos delas. Gostosamente se informa: em velhos livros manuscritos e arquivados na Biblioteca da Universidade do Minho.

9— Intriga-se o articulista com a Capela em honra de S. Paio, na freguesia, mas não diz exactamente o motivo do seu pasmo ou dúvida. Será pela sua antiguidade, remontada aos fins do séc. XVI? A «Provisão» de 1601 a confirma. Será por ter como padroeiro S. Paio? Se este Santo foi afamado no seu tempo / e se era natural de Córdoba — Espanha, como se pensa, é natural que fosse mais venerado no Norte do País, mas não é exacto que essa veneração se limitasse a Sul do rio Cávado. Na verdade, também para além deste rio há freguesias que o têm por patrono (veja-se S. Paio dos Arcos de Valdevez e de Jolda da mesma comarca, S. Paio de Melgaço, etc.) e até para Sul do Douro (v. S. Paio de Oleiros-Feira, S. Paio de Farinha Podre — Penacova, etc.).

10— Pergunta que relação terá havido entre Cabeçudos e o D. Gonçalo Pereira, que foi Arcebispo de Braga. Não tratei disso,

mas, como se diz a fls. 52 — nota 59 — da «Monografia», D. Gonçalo Gonçalves e D. Rodrigo Gonçalves Pereira, filhos do conde Gonçalo R. Pereira, depois da doação do Couto de Palmeira ao Convento de Landim, retiraram-se para o Solar de Pereira, que lhes pertencia, sito na freguesia.

D. Gonçalo Pereira, que foi avô de D. Nuno A. Pereira e Arcebispo de Braga em 1325, faleceu em 1343 e jaz numa capela de Braga (Geografia de Entre Douro e Minho, de João de Barros, pág. 58 e Antiga Guimarães, de Fortunato Peixoto Azevedo, pág. 118).

Foi filho 2º do conde D. Gonçalo Pereira e sua 1.ª mulher D. Urraca Vasques e irmão de D. Vasco Pereira (História de Portugal, de Fortunato de Almeida, vol. 11-534 e História de Braga, de D. Rodrigo da Cunha, cap. 42, 177 e segs.). Está, pois, ligado pelo parentesco aos Pereiras que viveram ram no referido Solar.

11— Pelos vistos, o Sr. F. A. conheceu o «protestante de 1929», para afirmar que não tinha espírito católico e era fruto de maçonaria e do republicanismo. Da transcrição do protesto constante da acta da Junta não é viável tal conclusão, mas unicamente a indignação de um elemento autárquico e paroquiano perante a atitude do Pároco de então, em relação aos seus superiores hierárquicos e à interdição da capela, indignação que chegou a generalizar-se.

Posso garantir que era católico e não maçónico. Fruto do republicanismo, talvez.

12— A terminar, o articulista em referência ao Carnaval — síntese de alguns costumes dos tempos idos e não só de há 50 anos — parece deixar transparecer uma crítica carregada de humor. Se assim é, ainda bem porque, tratando-se de Carnaval, o que importa é muito humor, para sair desta vil tristeza que se apoderou dos portugueses. Se não é, apa- regam mais costumes e tradições, porque «será um encanto a revelação de tradições, totalmente

apagadas, relativas a freguesia», como escreveu Alb. Sampaio (v. fls. 6 da «Monografia»).
13— São sempre bem vindas quaisquer críticas construtivas, porque ninguém se deve considerar perfeito / o completo (imperfeito) só as capelas do Mosteiro da Batalha; melhor se devia considerar-las incompletas).
Pretendeu-se apenas dar uma acheia e um incentivo. Também a eleserei afeito com gratidão. Por isso, esta aqui fica com os melhores cumprimentos de

A. C. S.

Da Monografia de Antas

= 6 anos! =

N.º 8/4/88 Algumas observações

Quem ler as memórias Paroquiais do ano de 1758 ficará impressionado com a de Chaves: ali já se apresentou, manuscrita, a planta da freguesia, até a cores. Pena foi que na de Antas o Autor não se servisse do mapa do Exército ou até dos que as Câmaras costumavam ter para cada concelho. Na monografia de Forjaes (Espços) já aparece mapa, não na de Cabeçudos e esta é de 82.

A terra de Antas, refere o Autor que a Sul lhe ficam Cabeçudos e Esmeriz. Decerto o Autor da de Cabeçudos não sabia existir já esta de Antas. Doutra modo de-la-ia referido e para ela remetido, o que não fez. Ora a de Antas até refere (pg. 5): «estrada municipal... saindo... no lugar de Nespereira, freguesia de Cabeçudos... antiga estrada de Landim — Vila Nova». Se é assim, foi pena que a de Cabeçudos o não referisse, tanto mais que discute onde passava a estrada romana para Braga.

Curioso o escalonamento económico dos proprietários de Antas (há muitas freguesias do Minho onde o minifúndio é bem maior que em Antas).

São assim:

— Grandes lavradores — só 5 — mais que 20 hectares de terra e mais que 20 pipas de vinho;

— Médios: apenas 7 — os com mais que 6 hectares de terra e mais que 6 pipas;

— Pequenos: os restantes são 40=48.

Aqui ainda não chegou a «lei» de «a terra a quem a trabalha», no que toca a 24 explorações agrícolas — servem-se de assalariados. Seria curioso comparar este sistema de Antas com o descrito no livrinho A Jugoslávia, de C. Samary, edições soltas, ano de 1973.

Deve reparar-se que a de Cabeçudos dá umas alfine-

tadas no colectivismo de agora face ao antigo — das malhadas, desfolhadas e assim. De facto, a Jugoslávia, a certa altura, disse adeus a Estaline e desnacionalizou 80% das terras que tinha expropriado — a fome era muita, apesar de já por 70 ter emigrados mais de 1 milhão dos seus filhos.

Nota: não me digam que estou a escrever isto por haver eleições à porta porque nisso erram.

Boa nota de progresso (fes 13): já sem arrancadores de batata, atrelados, descaroladores de espigas, ceifeiras, enfordeadeiras, grades de discos, tractores (só 8). Estes diabos dos lavradores para se associarem a comprar 1 tractor para todos... Ná! Como se vai nas outras freguesias?

Por esse Portugal fora, tudo cuida de arranjar caminhos. Ainda bem. Diz a de Antas (p. 46): «a Junta... tem conseguido o alargamento e arranjo de diversos caminhos». Anota: «de colaboração com a população».

Aproveito para referir que o novo Código Penal, que entrará em funções daqui a 3 meses, é muito virado ao social.

Sem darmos por ela, as peças da casa Minhota estão a ser substituídas, uma a uma, como refere a de Antas: a telha já não é a nacional, esquadria é coisa que lhe deu um ar. E tudo bem «plantado» pela Câmara.

Mas as novas casas são tão funcionais quanto as antigas o eram?

Quem é que por aí sabia que em Antas há um Seminário das Missões? Refere o o Autor a p. 55, desta forma (e noutra sítio acerca de grupo coral): «Em Junho de 1980... 22 alunos de 17 a 20 anos, 7 no 10.º

ano e 15 no 11.º, aulas no Liceu da Vila.

Convém que isto se saiba, agora que estamos quase à porta do Dia das Missões.

E pronto. Se mais não disser, desde já os meus parabéns ao Autor.

4-10-82

Francisco de Almeida

v. caminha 57.

In
Nat. & Famalicao - 28/4/88





biblioteca
municipal
barcelos



27653

Monografia de Antas
(Famalicão)